

«Nas tormentas  
da maledicência o  
mais tranquilo é o  
porto do silêncio.»

Bronteau

ANO V — N.º 115

ABRIL

28

1 9 5 7



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
FARO  
Telefone 154

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Loulé  
Telefone 216

# AFRICA

TUDO quanto se refira ao Continente Negro não pode deixar de nos tocar de perto, dado que nele estão situadas vastas e queridas parcelas do território nacional, do território deste Portugal uno, ainda que dessiminado por quatro continentes.

A forma como a América vê os problemas internacionais, leva-nos, umas vezes a julgá-la como uma ingenua que tudo quer resolver com a panaceia da liberdade e outras... a encará-la como uma hábil fazedora de vácuos aonde deseja ser influente. Seja como for, é conveniente que não consideremos de mesmos o que lá se pensa dos problemas africanos e que sobre isso nos vamos edificando...

Vem isto a propósito do que o vice-presidente dos Estados Unidos «via», mas porque Dutra Ferreira já fez em «A Voz» do passado dia 11 o merecido comentário, limitamo-nos a perflhar as suas palavras, transcrevendo, com vénia, o artigo do brilhante jornalista:

O Vice-Presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, regressou a Washington de uma viagem de três semanas pela África e entregou ao Presidente Eisenhower um relatório oficial de 11 páginas com as conclusões que trouxe dessa viagem.

Três semanas de ausência, longe de Washington, é, para um homem com as responsabilidades e decerto com os afazeres de Nixon, tempo que lhe deve ter parecido talvez demasiado. Teria sido, pois, para ele, um sacrifício essa viagem — e sem dúvida mereceu louvor o seu desejo de se informar melhor e mais de perto acerca de problemas que o preocupavam e preocupam o Mundo. Mas, por outro lado, três semanas é tempo demasiadamente escasso para alguém se familiarizar com os problemas da África e para os compreender. Além disso, as viagens, como a que fez Richard Nixon, sempre entre aclamações, flores, batiques organizados em sua honra, nunca são as mais elucidativas. Muita vez, no silêncio de um gabinete, entre bons livros, aprende-se mais do que nessas viagens em que só há sorrisos...

Ora, na medida em que nos é possível ajuizar do relatório de Richard Nixon pelo resumo que vem publicado no «New York Herald Tribune», o Vice-Presidente dos Estados Unidos estabelece como que um dilema: para salvar a África do comunismo, há que torná-la independente da Europa; por isso (Nixon diz) «o aparecimento, com o tempo, de uma África livre e independente é para nós (norte-americanos) tão importante como para o próprio povo desse continente».

O Vice-Presidente dos Estados Unidos...

## Mãe Soberana

No cimo duma colina sobranceira à vila, ergue-se uma ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, a querida Mãe Soberana dos louletanos. Aquele monte quase parece um trono donde a Rainha contempla os subditos, que se curvam a seus pés, Rainha que estende o seu manto azul por toda a vila, esse azul do maravilhoso céu algarvio e do mar que desde sempre tem embalado o Al-

### Problemas Assistenciais de Loulé

## UMA OBRA

POR mais de uma vez nos temos ocupado e com inteiro aplauso, nas colunas deste jornal, acerca das actividades beneméritas e assistenciais, desenvolvidas pela Associação de Assistência à Mendicidade que Loulé se orgulha de ter dentro dos seus muros.

E sempre que o temos feito — sem vaidade jornalística, o afirmamos — tem sido, sempre, dentro daqueles limites de sinceridade e de justiça a que se não pode fugir, por se reconhecer que a Obra levada a efeito por tão prestante Associação, ser digna dos melhores reparos de quantos pelos assuntos sociais se interessam.

E' o nosso caso. Pelo que nos tem sido dado conhecer e ler, quer através dos seus relatórios, como seja pelos seus comunicados — mesmo agora temos sobre a nossa mesa de trabalho o último Relatório publicado e que respecta à gerência de 1956, que pessoa amiga nos enviou — obriga-nos a concluir de que: é UMA OBRA de elevada projecção social, aquila que a Associação

(Continuação na 4.ª página)

## Distribuição de prémios aos mais distintos alunos louletanos

SOB a presidência do Sr. João Ascensão Pablos, vice-presidente da Câmara, em exercício, realizou-se no passado domingo, dia 21, na sala nobre dos Paços do Concelho, uma sessão solene para entrega dos prémios atribuídos pela nossa edilidade aos alunos louletanos que no ano de 1956 obtiveram mais altas classificações nos diversos graus de ensino.

Como Delegado do Sr. Governador Civil, o Sr. José João Ascensão Pablos, abriu a sessão, agradecendo a comparencia de todas as pessoas que ali tinham ido assistir a mais uma sessão em que se galar-doava o mérito e a aplicação aos estudos dos alunos que pela sua classificação haviam merecidamente alcançado os prémios que a Câmara anualmente atribui.

Seguidamente usou da palavra o distinto advogado louletano, Sr. Dr. Manuel Mendes Gonçalves, que historiou largamente — e muito bem — as diversas fases que um estudante conhece através dos vários graus de ensino durante os estudos a que se vai adaptando após o seu ingresso na escola primária e as reacções com que vai encarando o meio ambiente que o guindam à formatura.

No final, o Sr. Dr. Gonçalves foi muito aplaudido pela numerosa assistência que enchia a sala, após o que o Sr. José João Ascensão Pablos, fez a entrega dos prémios aos alu-

(Continuação na 6.ª página)

## O Rancho de Alte exibiu-se em Lisboa

NO dia 12 do corrente, deslocou-se a Lisboa o Grupo Folclórico de Alte, para exhibir o folclore algarvio perante os congressistas do IV Congresso Médico dos Radiologistas e Electrologistas de Cultura Latiha, tendo sido muito apreciado e aplaudido.

Exibiram-se também os Ranchos de Almeirim e da Nazaré que foram também bastante aplaudidos.

A exibição teve lugar nos Jardins do Conde de Farrobo, no dia 13, pelas 18 horas.

## O Sporting Clube Atlético festejou brilhantemente o seu XXII aniversário

Decorreram com grande brilhantismo os festejos comemorativos do XXII Aniversário da prestimosa colectividade recreativa da nossa terra que é o Sporting Clube Atlético.

Foi mais uma festa de confraternização clubista de acentuada elevação que de há muito vem caracterizando estas comemorações e que este ano tivera a característica especial da realização dos Jogos Florais da Primavera, um acontecimento que pela 2.ª vez se regista na nossa vila.

Para início das festividades, realizou-se no dia 21 do corrente um grandioso baile numa ampla sala da rua Rainha D. Leonor, cuja excelente disposição permitiu a colocação de cerca de 100 mesas em volta do recinto de dança, e que foi largamente concorrido, dançando-se animadamente até de madrugada.

Abriu-se o baile o conhecido e apreciado «Conjunto José da Silva» do Barreiro, que mais uma vez revelou o mérito dos seus componentes.

Despertaram bastante interesse e obtiveram um considerável número de concorrentes os jogos florais que o Atlético promoveu como um dos números da comemoração de mais um aniversário. O júri, que foi presidido pelo Poeta Emiliano da Costa e era constituído pelos Dts. Teixeira Marques, Rocha Gomes e Joaquim Magalhães, apreciou cerca de cem composições que foram enviadas por algumas dezenas de interessados. No decurso da sessão, realiza-

## O MUNICIPIO e a assistência hospitalar

Do Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal recebe-mos o ofício que gostosamente publicamos na íntegra:

... Director do jornal «A Voz de Loulé» — Loulé

O conceituado semanário que V. Ex.ª superiormente dirige, nesta sede de Concelho, insere, sob a epígrafe «Loulé em... retrato», comentário à administração municipal no sector relacionado com a participação da Câmara na assistência hospitalar local, insinuando-se que este corpo administrativo está a guindar a um plano primário a sua contribuição para o funcionamento do Hospital da nossa Vila, quando, no entender do articulista, a função assistencial a prestar é ou devia ser supletiva da função administrativa, inferindo a seguir a existência de subordinação do que considera secundário em relação ao primário, embora que interrogativamente.

Considerando injusto e desagradável o comentário e porque não é a primeira vez que tal sucede sem que a crítica tenha apoio na verdade, solicito de V. Ex.ª a fineza de mandar publicar o seguinte comunicado, com vista a elucidar quantos possam ter ficado impressionados com a leitura da crónica a que aludi:

«Com vista a elucidar o público acerca da local publicada no jornal «A Voz de Loulé», no seu último número, sob a epígrafe «Loulé em... retrato», na qual se comentam deliberações ultimamente tomadas, pelas quais o Município assume o encargo de pagar 15\$00 por cada doente pobre internado e por dia, no Hospital de Loulé, inferindo-se, a seguir, a existência de uma subordinação da função administrativa da Câmara à função assistencial, esclarece-se o seguinte:

a — É despesa obrigatória das Câmaras Municipais a participação nas despesas de internamento dos doentes pobres e indigentes com domicílio de socorro no Concelho; portanto, a função assistencial, em face da lei, não é supletiva, dado o carácter obrigatório que as leis vigentes lhe imprimem;

b — O preço da diária, fixado superiormente, para hospitalização de doentes pobres, nos hospitais sub-regionais como o de Loulé, é de 30\$00, sendo de 45\$00 nos Centrais, que são os de Lisboa, Porto e Coimbra, pagando a Câmara aos Centrais 18\$00 por doente pobre e por cada dia de internamento;

c — Sua Excelência o Ministro tem a faculdade, que lhe é conferida pelo § 1.º do art.º 8.º do Decreto-Lei n.º 39.805, de 4 de Setembro de 1954, de elevar até 50% a participação dos Municípios na diária dos Hospitais Sub-Regionais, que é o caso do de Loulé, tendo em vista, está claro, o nível da assistência que se presta e o movimento hospitalar;

d — Aquele Ilustre Membro do Governo, por seu despacho de 18 do mês de Janeiro do ano em curso, resolveu elevar para 50%, com relação ao Concelho de Loulé, a percentagem da participação da Câmara na despesa das diárias a pagar à Santa Casa da Misericórdia local, em face de exposição fundamentada que a Mesa desta Instituição de Assistência lhe dirigiu;

e — A Câmara, tendo sido consultada pela Santa Casa da Misericórdia acerca do pedido que ia formular a Sua Excelência o Minis-

(Continuação na 5.ª página)

## Os homens do andar

CREIO ter passado já quatro séculos que Loulé começou a prática religiosa das Festas à Mãe Soberana.

Neste longo espaço de tempo criaram-se estímulos, robusteceu-se uma crença, fortificou-se uma tradição e, sustenta-se uma Fé.

Gerações sobre gerações têm dado o melhor do seu entusiasmo no transporte do pesado andar da veneranda N. S.ª da Piedade.

A sua ermida (que há anos espera ser transformada ou substituída por Casa condigna ao prestígio religioso da Santa, problema que se arrasta já na impaciência dos louletanos) situada no cume de um serro qual pontinho branco dominando vasto e atraente horizonte, é o alvo das disputas de gerações para gerações e de ano para ano: força, músculos, vigor, prova de resistência fé e vontade.

Estes predicados não os tem quem quer; só os tem quem o Destino predeterminou. Portanto há que seleccionar esses elementos privilegiados para o árduo serviço de levar ao cimo do agudo serro, o andar da Mãe Soberana.

Não é tarefa fácil. E' custoso; e, de tão elevado custo, que ela já tem sido fatal.

Todavia há uma realidade de factos que carecem de ser ponderados.

A volta à vila, em passo de procissão, só por si é dificultosa. São mais ou menos duas

(Continuação na 5.ª página)



## Feira Popular de FARO

É grande a expectativa e o entusiasmo em todo o Algarve por esta brilhante iniciativa da Direcção do Instituto de Assistência Social D. Francisco Gomes (Vulgo Casa dos Rapazes) e com o alto Patrocinio da Câmara Municipal do Concelho de Faro, vai realizar-se de 1 de Junho a 1 de Agosto do corrente ano, no recinto da Alameda João de Deus, uma Feira Popular, com todos os atractivos próprios de Feiras deste género; barracas de propaganda comercial e in'ú trial, divert-

(Continuação na 4.ª página)

## Nova rua da Vila

POR motivo do crescente tráfego que se vem notando na Rua Padre António Vieira, resolveu (e muito bem) a nossa Câmara Municipal complementar o arruamento da Rua Marechal Gomes da Costa (transversal à Av. José da Costa Mealha), ligando-a à Estrada Nacional n.º 270 (de Querença).

Com esta iniciativa, a todos os títulos louvável, não só

(Continuação na 6.ª página)

## Ler no próximo número

Entrevista com o Sr. Engenheiro Chefe dos Serviços de Exploração no Algarve da C. E. A. L., a propósito da ligação de Loulé à Rede de Electrificacão Nacional, cujos trabalhos se encontram em vias de conclusão.



## As comemorações do aniversário do Atlético

## JOGOS FLORAIS DA PRIMAVERA

(Continuação da 1.ª página)

milde» (D. Lídia Serras Pereira) e foram classificados por ordem os concorrentes: «Devota» (J. Moraes Lopes); «Pascoela» (D. Lídia Serras Pereira); «Mar largo» (Moraes Lopes) e «Pedro Sem» (Manuel Araújo).

No género: Poesia alusiva ao Algarve foi atribuído o prémio a «Ignotus» (Moraes Lopes) e as restantes classificações a: Algarvia 100%» (D. Lídia Serras Pereira); «Forasteira» (D. Maria da Conceição Elói); «Amendoeira sem flor» (D. Maria da Conceição Ramires Santos); e «Poeta da Serra» (Vitor Castela).

Na poesia lírica o prémio coube a José Leda (Dr. Herculano de Sousa Monteiro) e foram classificados os poemas de «Ignotus» (Moraes Lopes); «Rosa de cem flores» (D. Maria do Espírito Santo Rosa de Sousa); «In hoc signo vinces» (Vitor Castela); e «Brisa do Séquia» (Vivaldo Beldade).

Na quadra, o prémio foi atribuído a «Toutinegra» (D. Maria da Conceição Elói); as restantes classificações foram para «Violeta» (D. Augusta Lúcia Gonçalves Costa); «Brisa do Séquia» (Vivaldo Beldade); «Saudades do Silêncio» (Vivaldo Beldade); «Ventoinha» (D. Lídia Serras Pereira); «Quem será, será?» (D. Lídia Serras Pereira); «Toutinegra» (D. Maria da Conceição Elói); e Anzol e Isca» (D. Lídia Serras Pereira).

No final da sessão foi servido um «Porto de Honra» no salão de festas do Cine Teatro Louletano que serviu de protesto para numerosos brindes pelas prosperidades do Atlético.

O dia do aniversário, 24 de Abril, foi assinalado com outro baile na mesma sala e teve ainda maior animação.

Centenas de sócios do Atlético e inúmeros forasteiros encheram totalmente o vasto recinto, a que a alegria esfuante da mocidade, a requintada elegância das toilettes femininas e a música, a dinâmica orquestra «Pax Julia» de Beja, davam um ar de festa excepcionalmente brilhante.

Felicitamos a dinâmica Direcção do Sporting Clube Atlético — e em especial os srs. António Luiz Laginha Ramos e João Campos — pelo brilhantismo com que foram coroados os festejos comemorativos de XVIII aniversário do Atlético.

## SONETO

1.º Prémio

## Mãos

Mãos que semeiam todo o loiro trigo  
E vindimam os cachos que dão vinho.  
E caminham ovelhas ao pascigo  
Partem o pão e vão fiando o linho.

No cabo da enxada, sem abrigo,  
Até o vento as beija com carinho;  
Só podem ser dum coração amigo  
Mãos que alisaram pedras do caminho.

Tocam a terra e a terra se transmuta.

Não haveria, sem a sua ajuda,  
Milho na eira e uvas no lagar

Andou a luz do sol por cima de'as  
Por muito feias, como ficam belas  
As mãos gretadas postas a rezar!

HUMILDE

(Lidia Serras Pereira)

## Poesia alusiva ao Algarve (1.º Prémio)

## Algarvio

## Herói da Terra e do Mar

Se o inverno dedilha do Levante  
O cantochão dos vagalhões do Mar,  
Fico na terra para a perfumar  
Das cavas duma enxada fecundante...  
Mas chega o verão... Já eu sigo à frente  
Sobre as ondas, em barco de remar...  
E delas trago o Pão para o meu Lar,  
Como um Herói, audaz e triunfante...

E seja à beira-mar, à beira-serra,  
Eu dou-me inteiramente à minha Terra,  
Num esbanjar de vida e frenesim...  
— Tal como eu sou, seremos todos nós...  
E porque já o foram meus avós,  
Serão meus filhos a depois de mim...

Ignotus

Faro

(Moraes Lopes)

## Poesia obrigada a mote

2.º Prémio

Viam-se por todo o lado  
Amendoeiras floridas;  
Hoje, de pétalas caídas,  
Vê-se o chão todo lastrado.  
Foi a água que choveu,  
Foi o vento que soprou,  
Quem pelos campos e palhou  
Tanta flor que se perdeu!

Esse manto colorido  
Desta provincia algarvia,  
Deixou-nos sem alegria  
Ao ficar desvanecido.  
Eis aqui o que sucede  
Quando chove em Fevereiro,  
Neste formoso canteiro  
Tanto fruto que se perde!

Amendoas, já não esperamos;  
Alfarrobas, se a geada  
Continuar a cair—nada!  
Que é do Algarve em que estamos?  
Pra canseiras não estou eu;  
E digo-te em voz baixinha  
Que vai ser a corticinha  
O que nos vale, Amor meu.

Temos que nos resignar  
Co' aqui o que Deus nos deu:  
Pensar que o que sucedeu  
Se pode remediar.  
Fazer pra que se não herde  
Essa voz entristecida,  
E crer que o melhor na vida  
É a esperança—a folha verde.

Adriano de Lemos

(Manuel Gregório Rodrigues)

QUADRAS  
CONCORRENTES

P'ra uma moça solteira  
o desporto preferido  
ou é a pesca à carteira  
ou é a caça ao marido...

Anzol e Isca

Tua cara é timoneira  
o barco doteu decote;  
Menina, dessa maneira,  
quem é que não vai no bote?

Quem será, será?

(Lidia Serras Pereira)

Quem não tem magoa das magoas  
De quem as chora sinceras,  
E' que nunca sentiu magoas  
Das que magoam deveras.

Toutinegra

(Maria da Conceição Elói)

Anda à moda, a Leonor,  
com saia muito rodada;  
«o vento é bom bailador»  
e não lhes digo mais nada...

Ventoinha

## POESIA LÍRICA (1.º Prémio)

## AS HORAS

Gota a gota o dia se esgota  
E o tempo se esvai;  
Gota de água, gota de mágoa  
Que cai

A Hora flui e estui,  
A asa foge no rápido vôo,  
O tempo roi e rui:  
Ri do que eu já fui  
Ai! o que eu não sou.

A luz resvala na vala da Morte.  
Na estrada da Sorte  
Em triste recorte  
A sombra cai e recai.

Como a asa a Hora partiu,  
Como a nuvem, como a nave,  
Como a ave partiu a Hora.  
— Fantasma do ainda-agora  
Nem sei até se existiu.

Horas roladas e caladas  
Horas fendidas, horas maguadas,  
Agora caídas, ora levantadas,  
No alto erguidas, logo desabadas  
De vidas.

Horas perdidas  
Na Distância de bruma,  
De que não ficou uma!  
Horas de espuma,  
Que a lonjura esfuma  
E o vento sacode no ar.

A Hora-Esperança —  
Aquele que não cansa:  
Mas nunca se alcança,  
Lá vem outro dia,  
Lá vem outra dança,  
Tão perto parecia...  
A Hora balança.

Ó ave, ó asa, ó Hora,  
Ó branca rola,  
Vem cantar agora  
Na minha gaiola!

A Hora-Promessa —  
Confessa que és hora mentida.  
Mas nunca te esqueça  
Que és a que não cessa  
Da minha vida!

Ó hora, ó asa, ó ave;  
vem entornar o teu canto suave  
na minha gaiola.

É a Hora que namora, a — Hora-Melodia:  
Em que acaba o dia  
e não acaba a Hora  
Ó asa, demora ainda uma hora.  
E a ave planou, cantou, voou  
Mas foi-se embora.

Minha gaiola de ouro vasia  
Por onde entram e saem as horas do dia.

Hora lenta, hora lassa,  
Horas boas, horas más,  
Como a onda — tudo passa, —  
que o remo arroja pra trás.

José Leda

(Herculano de Sousa Monteiro)

## SONETO

2.º Prémio

## Gratidão

Pelos caminhos que, na minha mão  
Viúva de riquezas, depuzeste...  
E pelos astros que de mim fizeste  
E trago no meu próprio coração...

P'los sóis distantes — luz na escuridão  
Da noite donde vim — que me ofere-  
(ceste)...  
Por quanto sou e a Ti o devo, é este  
O mar sem fim da minha gratidão...

P'las velas que singraram nesta  
(vida)...  
Por tudo quanto ainda desconheço  
— Rotas sem mastros... almas sem  
guarda...

Por tudo aonde, enfim, me reconhe-  
(ço)...  
Por tudo onde me sinto repartida...  
De joelhos, meu Deus, Vos agrade-  
(ço)!

DEVOTA

(J. Moraes Lopes)

## MOTE

«Tanta flor que se perdeu!  
Tanto fruto que se perde!  
O que nos vale, Amor meu,  
É a esperança — a folha verde»...

Estou-me nas tintas pro mote  
Mais pra quem o escolheu.  
A mim pouco me interessa  
«Tanta flor que se perdeu!»

Quem não tem palmo de terra,  
Quem não compra, quem não herde,  
Bem lhe importa em terra alheia  
«Tanto fruto que se perde»

Mas... chega a renda da casa,  
Merceeiro que sei eu! —  
É sempre teu pai, que é rico  
«O que nos vale, Amor meu»

Bom... Mas nos Jogos Florais,  
Quem não ganhar, pouco perde,  
Quem me traz e outros mais  
É a esperança — a folha verde —

EU

## Poesia Lírica

## Glória Maior

2. Prémio

Perco-me  
No atormentado silêncio das minhas ideias...  
Procuo-me  
E não me encontro...

Assombro duma noite sem fim,  
Julgo-me sonho de luz,  
Astro incendiando os polos  
da Vida humana...

— Mistério da existência é viver!...  
E eu vivo,  
Que esta é a condição da minha existência...

Mas... para quê viver?...  
Para rasgar as asas do meu Vôo  
Nas arestas da ascensão?...  
Sim!...

Esta é a Glória maior de quem veio ao Mundo...

IGNOTUS  
(MORAIS LOPES)

## Poesia alusiva ao Algarve

Senhora  
da Piedade

2.º Prémio

Da vossa protecção merecedora  
Loulé, deserto, foi a vida inteira  
porque Vós sois, Senhora,  
a sua padroeira.

E lá no alto, mais perto do Céu  
o vosso olhar, envolto em claridade  
já sobre nós desceu  
feito de piedade.

Ricas de tons desdobram-se as paisagens  
da pincelada escura à mais vistosa:  
Um lenço de ramagens  
em mago donairoca!

Amendoeiras, terras bem tratadas  
com rosas de permoio no hortejo  
e o vento nas ramadas  
no seu eterno harpejo.

Além abre os seus braços uma cruz;  
peç e silêncio. Numa adoração  
o sol veste de luz  
a sua solidão.

E mais ao longe o mar, o mar infindo  
a lembrar tradições, e naus, e lendas,  
tão azul e tão lindo  
a desfazer-se em rendas.

Bilro de prata, essa renda fez  
nas mãos esquias, brancas do luar,  
renda que as chaminés  
lhe foram copiar.

Um monumento, um tronco já que-  
brado  
lembra, saudoso, em mística elegia,  
um filho muito amado  
desta terra algarvia.

Na torre, o sino tange alegremente  
em risos cristalinos pelo ar:  
Replica de contente,  
deixá lo repicar!

É quando chega, enfim, o vosso dia  
e vêm devotos, de aldeias e casais  
e o sol naquele dia  
parece brilhar mais.

Com toda a devoção, todo o fervor,  
é bela a procissão que se organiza:  
sob um olhar de dór,  
um Cristo que agoniza!

Não faltam as ofertas, os anjinhos,  
quantas promessas — quantas! — a  
pagar;  
nas pedras dos caminhos,  
joelhos a sangrar.

De todo o pecador, de fé ceguinho,  
ó Piedosa sede o seu bordão,  
no trai lhe o bom caminho,  
dai lhe o vosso perdão.

Piedade pra terra que mendiga  
a chuva como fluxo redentor  
na formação da espiga,  
do fruto ou duma flor.

Piedade no vosso olhar suave!  
que ela conserve a paz apetecida  
e cada trilo de ave  
seja um cântico à vida!

De regresso à capela — que lindeza! —  
o povo, atrás, um doce canto entoa.  
o vosso andar não pesa,  
parece até que voa!

E porque à volta é vasto o horizonte  
e a tarde morre em misticismo e fé  
ficareis, desse monte,  
a abençoar Loulé!

Algarvia 100 %

## Poesia obrigada a mote

Tanta flor que se perdeu!  
Tanto fruto que se perde!  
O que nos vale, Amor meu,  
É a esperança — a folha verde.

E. da Costa

## Endeixa a um casal sem filhos

1.º Prémio

No jardim que cultivámos,  
Quando o nosso amor nasceu,  
Dos beijos que então trocámos  
Tanta flor que se perdeu!

Mesmo agora, já casados,  
No chão de amor, inda verde.  
Por mal dos nossos pecados,  
Tanto fruto que se perdeu!

Mas a paz, doce e tão linda,  
Que Deus, em troca, nos deu,  
Tu podes crer, é ainda  
O que nos vale, Amor meu...

De resto, em nosso viver  
— Fecunda flor que se perde —,  
O Filho que há-de nascer  
É a esperança — a folha verde.

Faro—Moraes Lopes

Ignotus

## QUADRA POPULAR

1.º Prémio

O meu lar é o meu mundo  
— O mundo que Deus me deu —  
Há muitos mundos no Mundo,  
Mas este mundo é que é meu...

Toutinegra

(Maria da Conceição Elói)

2.º Prémio

Tem fama de faladora  
A Algarvia, e afinal,  
«Toda a ave é pecadora  
E quem paga... é o pardal».

Violeta

(Augusta Lúcia Costa)

3.º Prémio

Tu que trabalhas, cachopa,  
Em malhas com tal primor,  
Nas malhas em que trabalhas  
Enliaste o meu amor.

«Brisa do Séquia»

(Vivaldo Beldade)

## Menções Honrosas

1.ª Menção honrosa

A bailar te conheci,  
Bailando, amor te jurei.  
Agora... choro por ti  
E, bailar... não mais bailei.

«Saudades do Silêncio»

(Vivaldo Beldade)

## Vilancete

Sardinha tão portuguesa,  
Algarve!... em si a encerra:  
Mai'os figos e a beleza  
Das mulheres desta terra...

Na venda do ti Manel  
E ti Anica de Loulé,  
Vende-se cal e pincel,  
Pra cair a chaminé.  
Do mar, vem fama e riqueza,  
Poesia, encanto da serra,  
Passas, figos e a beleza.  
Das mulheres desta terra.

«Amendoeira sem Flor»



ANO I

N.º 12

28 ABRIL

1957



Correspondência  
para  
*Casimiro de Brito*  
Rua Bocage, 140  
FARO

# Prefácio para a alegria

SÓZINHA estive até há pouco. Agora não. Estão aqui todos, à minha volta, a lerem comigo a tua carta de hoje—que era um molho de violetas roxas— a sujarem-me o chão de reflexos, a fazerem pintura com os crisântemos da jarra e o sol lá de fóra.

Há quem ache estranho que em vez de um namorado tenha o sorriso de *Florbela* dentro da moldura amarela da minha mesa de cabeceira.

Sózinha nunca estarei jamais. O primeiro amigo trouxeste mo tu, uma vez que eu estive doente. Chamava-se *Rui de Carvalho* e entrou com uma dor de dentes e um descaramento que me fez sorrir. Nunca mais o larguei. Depois veio o *Menino do Sinal* com o *Pascoal* pela mão e mais o *Leão Penedo*, o *António Sérgio*. Olha, a nossa família toda, afinal.

Andamos a trabalhar, como tu sabes. Mas nos intervalos das contas do ofício ainda temos tempo para nos sorrirmos.

Às vezes organizamos grandes *cocktails* e *garden-parties*. Até parecemos gente rica. Ficamos a arrotar de felicidade e beleza. Cada um leva aquilo que tem. Quem dá quase sempre a relva para as nossas partidas é o *Miguel*; o *Pascoal* acende muitas estrelas a fingir de luz e o *Sebastião da Gama* é o árbitro... das elegâncias? Qual, quê! A gente nem quer saber disso. Esquecemo-nos sempre. E só nisto, eu já tenho dito, é que não parecemos ricos. Eles pensam muito mais nos fatos que no prazer das reuniões. Nós, não. Quando eu me sento na relva e eles surgem de todos os lados: da moldura, de cima da mesa, da estante e até de parte nenhuma, nem nos lembramos de mais nada só com a alegria de conversar. E se tu soubesses partidas que a gente faz!

Uma vez quisemos crescer o filho da *Bia Calaróia*, e demos-lhe tudo o que a mãe tinha sonhado dentro da esperança antes dele nascer. Ehl se tu visesses os olhos pasmados do moço quando viu tanto alceiro e tanto rosmãinho a darem flor só para ele. Só para ele!

Mesmo em frente da cama tenho um Cristo a sorrir-me. Não lhe dou velas, nem lamparina. De dia, ofereço-lhe Sol. De noite, luz eléctrica ou luar. E só o que tenho. À direita Dele um menino de *Modigliani* e à esquerda um bocado de prados verdes onde pa-cem vaquinhas, o ar é fresco e cheio de ritmo e cor e onde há cavalos de crinas ao vento e malmequeres traícoiros à expectativa dos namorados. Tudo isto dentro de um quadro pequenino que o *Chagall* pintou para mim.

Cristo é muito meu amigo. Ainda há quem tenha coragem de o negar.

Se visesses o que Ele me tem ensinado! Olha: um dia destes eu não tive dinheiro para o almoço. E tinha fome. Uma fatia de fiambre com um ramo de salsa em cima roia-me dentro do cérebro. Cheguei a eles, os meus amigos inseparáveis — mas tão sem nada como eu! — estavam com um ar que impressionava. Só o *Pascoal*, esse coitado, ainda nem vira que eram horas do almoço. Ainda não se convenceu que o sonho não enche o estomago a ninguém.

Foi então que Cristo me falou. Pois. Tu não te admiras. Sabes que é verdade. Mas digo-te que há por aí muito boa gente, desses que têm almoço todos os dias, que não acreditam.

— Maria Rosa, dêem-me as mãos!  
E eu dêi-me o estomago, pensei. Mas não disse nada para não O entristecer. E olhei para Ele. Era verdade. Tinha as mãos todas cheias de sangue e suor. Peguei-lhes o melhor que sabia e fiquei-me encostada a elas. Depois repeti:

— Senhor! Tenho fome!  
E chorei. Crisântemos, tinha. Mas eram amargos. Mesmo que os comesse o que me falaria de eternidade depois? Os crisântemos são as flores dos mortos.  
— Senhor! Tenho fome, repeti. Repeti e esperei. Sabia que só Ele me faria o milagre. Ele sempre quem nos tem resolvido as situações difíceis. E daí a bocadinho, su-pensas das suas mãos chagadas eu vi (eu a eles todos) as naturezas mortas do *Cézanne*, transformarem-se num almoço variado, colorido, saboroso, que até me enchia os olhos de lágrimas.

O MEU GRANDE E HUMILDE AMIGO DE TODAS AS HORAS!...

Deixa-os não acreditarem em ti!  
Deixa-os continuar duvidando que aqui, neste quarto sem portas para os amigos invisíveis e bons, se almoça e fica farto, nos dias em que não há nem uma molécula de presença material!

Deixa-os duvidar que aqui, num quarto de 120\$00 de renda, cabemos todos e cantamos e somos felizes!

Deixa-os continuar insultando *Florbela* por viver aqui, em promistuidade com nós todos! Eles nunca saberão que aqui dentro ela é a TORRE DE MENAGE M da planície onde cresce o pão que os faz obesos!

Deixa-os a acender velas dentro do seu temor de inferno!  
Ainda v-m longe o dia em que compreenderão que Tu preferes o Sol e os Crisântemos, a Sinceridade e o Amor Verdadeiro, a tudo o resto.

Dêem-te as mãos, Cristo? Eu sei e acredito. Por isso mesmo vejo quão grande é a tua bondade em nos estenderes.

apesar do sangue,  
apesar das feridas,  
os frutos sumarentos do Cézanne.

Por isso mesmo é que aqui dentro, Tu és força de nós todos.  
Olha, até o *Casimiro* esqueceu a sua ironia magoadá, a sua raiva por tudo o que não está bem e não pode ser corrigido e, com os olhos cheios de lágrimas, te está oferecendo o último poema.

Aceita-o, Amigo! — é só o que temos para Te dar.

A tua carta de hoje é um molho de violetas roxas. E se te contei tudo isto da nossa vida íntima e ignorada é para que percebas que o perfume das violetas, das violetas que memandas junto de cada palavra, me faz bem.

E gostava que viesses um dia para junto de nós.

Gostava que tivesses tempo para abandonar o teu elmo e a tua couraça das batalhas sem história, e rodavia gloriosas—e um dia aparecesses com a surpresa da tua presença esperada desde o princípio do sonho.

Dávamos todos as mãos e íamos passear pela Vida.

E havíamos de colher um braço de AMOR e PAZ para fazer um licor que embriagasse toda a gente.

Até os que duvidam de Cristo e dos Poetas que se chamam irmãos...

Maria Rosa Colaço

## RECORTES

Chove tanto!

Cada um de nós é um ilheu — ilhotas flutuantes em mares profundos e larguíssimos de solidão. De abandono.

Variável solidão: ora alvoroçada e tempestuosa, ansiosa, insatisfeita, ora morta. Mas companheira eterna; poeira, névoa que de certos olhos jamais se afasta, jamais se dissipa.

Bloqueada pela gripe e pela chuva...

Dias inteiros, nem sei se curtos se longos, inteiros sombrios, apagados, solitários, sem ouvir uma voz, enjoada do falso lirismo literário e sequiosa não sei de quê, ainda. Ainda viva; não parece impossível? Derrotada, amputada quase de sentimentos e sentidos, mas como um rabo de lagartixa, inconscientemente fremente, agitada.

Irene Lisboa

Do livro «O Pouco e o Muito»

Um

Poema

de

Helder Martins

Quem turvou a água límpida e serena do lago  
onde a minha aurora se banhou,

e me prendeu na penumbra  
onde o reflexo, mórbido e pálido, traz sinfonias crepusculares

que são cinzas, névoas  
que o tempo evapora?

Quem ousou guiar-me ao campo  
onde legiões imploram a queda da bandeira esfiarapada

que se desfralda caprichosamente,

e me rouboa aquilo  
que eu jamais possuí? Quem?  
QUEM FOI?

Faro, 1957

Poema para suspender  
do nada que me envolve...

Homenagem a Celina Ferreira

No limar amargo de palavras vivas  
antevendo espadas enfim salvadoras  
afiadas até ao impossível  
vou deixando atrás de mim  
vou deixando não sei se de mim  
esta solidão depois multiplicada  
ao contacto imutável do nevoeiro envolvente

Ah estes braços abertos  
sonambolicamente abertos  
irremediavelmente abertos  
num vago infinito pelo reino do Nada  
procurando a taça fértil do amor

esse Amor que é pássaros num céu sem fim  
e águas dum azul finalmente marinho  
esse Amor plantado nas velas brancas e silenciosas  
nos astros e nos sorrisos felizes  
na brancura dos beijos cristalinos  
e na paz sincera da verdadeira ausência  
esse Amor transformado em violinos  
bandeiras desfraldadas  
ofertas virginais  
e nesta dor imensa  
indefinível  
que é também amor  
porque nasce do meu desejo de amar

«O Amor bastava Celina  
e seria o bálsamo suave  
para a nova poesia!»

Mas o Amor  
mais do que pássaros e velas e beijos e violinos  
mais do que esta dor indefinível e monstruosa  
mais do que esta ausência de mim  
é essa multidão de símbolos idealizados  
que passam mais além dos meus braços ansiosos  
e ceifam a esperança sem lágrimas nos olhos

O Amor Celina  
é este amargo e sempre renovado e límpido DESEJO  
de suspendê-lo nos dedos, nos olhos, nos cabelos, nos lábios  
e pintá-los depois  
entre as raízes puras minhas e verdes  
que teimam em brotar-me do coração

O Amor Celina  
seria a minha solidão sepultada  
no paraíso impossível  
onde as bandeiras brancas nascessem espontaneamente

Entretanto  
esta dor negra e secular  
esta busca ansiosa de espadas na virgindade espacial  
despertam em mim  
o desejo puro de repartir-me  
em reflexos deste impalpável NADA que me tortura!

CASIMIRO DE BRITO

## A Juventude

A juventude não é uma época da vida, mas sim, um estado d'alma. Não significa fases rosadas nem pernas ágeis.

Juventude é força no desejo, vigor na imaginação; o desejo de aventura acima do trivial e fácil; é enfim, o renascer das fundas raízes da vida, que marcam nossos passos activos e fecundos com o selo inconfundível da acção.

O tempo; no seu eterno vai e vem, não rouba a juventude. São os desenganos, o tédio, o desencanto, os largos e tristes anos imisericordes que a todos envelhece.

Se cada manhã renascemos à alegria e em nossos corações—como uma fonte de ilusões—guardamos um pouco de fé, de esperança e de optimismo, para sempre haveremos de florescer.—[Do «Boletim Odontológico Mexicano»].

## Uma noite de fome

Um conto de José Guerreiro

EU tinha naquela idade um apetite devorador. Comia de tudo, E com prazer. Era habitualmente o último, dentre duzentos, a sair do refeitório. Estávamos no racionamento e sómente nos davam um pão a cada refeição. Para mim, tal razão era pequena. Mal o professor regente dava ordens de sair, ia pelas mesas à cata de pão: das sobras. Voltava sempre com as mãos cheias e começava a comer. Cheguei a ter fama de comilão e isso lisongeava-me. Ser diferente dos outros era para mim motivo de satisfação, mórmente quando tais diferenças originavam a admiração dos meus colegas. O certo é que comia muito, porque tinha apetite. Sentia necessidade. Muitas vezes desassogadamente aguardava a hora das refeições. Sentia mal estar. Tinha fome. Eram momentos aborrecidos, quase insuportáveis. Uma hora antes, começava a consultar o relógio. Cada minuto que passava parecia-me sei lá o quê. Um dia. Nesses momentos procurava adivinhar do que constaria a refeição. Ocorriam-me os pratos mais agradáveis. Imaginava outros que supunha serem deliciosos.

Foi nessa fase da minha vida que um dia passei sem jantar. Hoje não daria importância ao facto. Naquele tempo, porém, tal acontecimento foi um desastre. Devo-o a padre Conceição. Estávamos na Quaresma. Tinha chegado a altura das confissões. Educado religiosamente, sentia a fé esboar-se. O problema religioso tornara-se-me confuso. Assaltavam-me dúvidas. Perguntas a que não respondia. Era uma outra a luz que ao longe despontava. A luz da razão. Nas aulas falaram da confissão, da comunhão. Eu é que nunca mais me lembrei de tal. Nesse dia dirigia-me ao meu quarto, a fim de me preparar para o jantar (nele já vinha pensando há muito), quando me saiu ao caminho padre Conceição. A capela era pegada e padre Conceição procurou arrastar-me até lá. Falava-me com doçura e tratava-me por «meu filho». Como não o seguisse prontamente, abrigou-me a sentar-me a seu lado, nuns degraus que antecedia a porta da capela. Começou por falar da confissão, do seu significado e do que ela representava para os católicos. Ouvi-o com enfado. Era no entanto impotente para reagir e quando padre Conceição me perguntou se percebia, dizia-lhe que sim. Não podia nem sabia defender-me. Naquela altura, trocei do padre. Na sua presença não exteriorizava o riso, é claro. Hoje admiro a sinceridade de padre Conceição, a convicção com que me falava. Vejo quanto ele sofria por eu não seguir o caminho que me indicava.

—Anda, vem confessar-te.  
A hora do jantar aproximava-se. Não queria chegar fora da hora. Se dissesse que não me confessava, decerto padre Conceição recomençaria o discurso e eu perderia o jantar. Isso nunca.

Tenho de ir jantar, senhor prior.  
—Tens tempo, ainda faltam vinte minutos. A confissão é rápida.—Não queria passar fome. Três minutos depois da hora, fechava o refeitório. Disse que sim, que me confessaria. Padre Conceição entrou na capela. Fui atrás. Há muito que não entrava numa igreja. A caminho do confessionário, passei por uma porta que ligava com as câmaras. Meti por ela. Fui para o quarto.

Cai na cama às gargalhadas. O último toque para o jantar, tirou-me daquele delírio. Censurei-me por lhe der dito que sim, por ter fugido. Fora cobarde. Como enfrentar agora padre Conceição? Espreitei pela janela. Lá estava ele à minha espera. Senti vergonha. Procedera como uma criança. Como ir jantar sem passar por padre Conceição? Pensei em ir pedir-lhe desculpa. Seria a solução. Se assim fosse acabaria por confessar-me. Impossível.

—Se não tivesse sido covarde, se não me tivesse faltado a coragem, não estava agora em apuros. Por que o enganei? Por que não disse que não me queria confessar?

Impossível também encarar-me com ele. O que lhe diria? padre Conceição podia insultar-me e tinha razão. Eu nada poderia dizer: seria mais uma vez covarde. Resolvi não sair do quarto. Preferia passar fome a sofrer o vexame de ser insultado por um padre. Mas não seria sinal de fraqueza? Não. O reconhecermos os nossos erros não será antes o melhor sinal de força, de vida? Eu reconhecia o mal que tinha feito, mas o que não queria era estender a mão à palmatória. Orgulhoso.

Quando padre Conceição se foi embora já era tarde para eu ir jantar. Fiquei sem comer. Chorei de fome. E de raiva. Mas não guardo rancor a padre Conceição. O único culpado fui eu.

Porto, 1957.

José Guerreiro

«SER responsável é ser livre; não há responsabilidade sem liberdade; livre para deliberar, livre para resolver e livre para executar. Quantas vezes a liberdade falta total ou parcialmente em algumas destas operações. A razão tem o principal papel na deliberação, mas na resolução e sobretudo na execução é a vontade que domina. Os fracos de vontade, os tíbios e os medrosos não têm o gosto da responsabilidade. E' um dos atributos principais da dignidade humana, este gosto de se ser responsável, de assumir a responsabilidade. E' sinal de vigor e de capacidade». — Dr. Serras e Silva

## Movimento Prisma

Nem tudo são rosas, no caminho das flores. E há outros caminhos, das pedras, das sinfonias crepusculares do Helder Martins, da ausência desse Amor que atormenta Celina Ferreira, a Maria Rosa, todos os poetas do mundo; nem todos são de flores, os caminhos do mundo...

Prisma também tem um caminho a vencer. O resto não importa, não importam os pedaços vencidos nem as dificuldades atropeladas. Porém o amanhã, o nosso amanhã, tem de ser construído com a força multiplicada do nosso hoje.

Tudo isto pode parecer quase nada. Penso o mesmo, quando vislumbro o que falta realizar; não penso tal, quando recordo as feridas desta batalha...

Urge continuar, porém. E, quem falou em morrer? Urge continuar, Amigos. NÓS TODOS, porque só nós todos seremos capazes de realizar a nossa obra.

NÓS TODOS, porque só nós todos sabemos o que nos convém, o que convém a TODOS OS OUTROS que não podem dar-nos as mãos...

CONTINUEMOS AMIGOS. Prisma precisa de vós, de todos vós, e amanhã melhor do que hoje, imensamente melhor do que ontem, URGE QUE SAIBAM que Prisma quer ser mais, infinitamente mais, do que as nossas forças quotidianas.

Prisma tem de ser o produto, das nossas FORÇAS MULTIPLICADAS...

Prisma tem para publicação original dos seguintes autores: Orlando Neves, José Guerreiro, Rita de Lara (Brasil), Carlos Alberto Jordão, José Carlos Gonzalez, Lita Fernandes Ferreira (Argentina), A. Vicente Campinas, Eduardo Olímpio, José Seabra, Costa Mendes, da Maria Rosa também. Quase tudo poetas.

Prova de que Portugal é o tal país de poetas? Pouco interesse pelo género prosa nas suas muitas variantes?

Deste modo parece-me que URGE dedicar um número de PRISMA só à Poesia.

Que pensam de PRISMA os seus leitores? E os seus colaboradores?

E da resposta a todas estas perguntas — e a outras que surgirão no futuro — que depende o RUMO do nosso PRISMA. DO nosso PRISMA que deseja ser cada vez melhor, cada vez mais PRISMA das nossas possibilidades...



# UMA OBRA

(Continuação da 1.ª página)

de Assistência a Mendicidade tem realizado.

Desde o seu início logo simpatizei com as suas actividades, por elas tenderem e encaminhar-se para um fim digno e humano: «o acabar com a mendicidade nas ruas da vila».

A ideia, não sem os seus ressaibos de amargor para alguns e de desinteresse para outros, frutificou, ultrapassando o previsto até. Loulé deixou — outra coisa não era de esperar — de assistir a tão triste espectáculo que antes se observava. E isto, devido à humana compreensão da sua população, ajudando a Comissão — para quem vão os nossos louvores — a desempenhar-se da tarefa a que meteu ombros.

Pode Loulé orgulhar-se de tão benemérita Obra, que só foi possível pela colaboração desvanecedora prestada pelos seus filhos, os que nela residem, como os que lá fora mourejam o pão de cada dia.

Pelo Relatório se verifica o desejo da Associação em construir um Refeitório, pois que tem já uma inte-

ressante importância para começar: 50.000\$00.

Depreende-se que a Obra não para e antes prossegue na senda de uma melhor organização e eficiência.

E não deve mesmo parar por ela estar dentro do âmbito social a que é preciso dar maior impulso e evolução, jamais num mundo incendiário e em convulsões desvaídas como ao que presentemente se assiste.

Vestir, agasalhar e alimentar a velhice alquebrada e necessitada, é um Bem que nunca as mãos de quem o pratica deviam doer.

Todas as pessoas de bem, sobretudo os que PODEM, não devem recusar aquele auxílio que vai contribuir para amparar os que percorreram a Caminhada da Vida, sem os bafejos da Fortuna.

Sem dúvida alguma, a Obra da Associação de Assistência à Mendicidade, de Loulé, é: **uma obra admirável e digna de ser ajudada.**

Obra essa que devia ser seguida por outras terras do nosso Algarve, onde ainda existe a indústria da pedincha, e que já é tempo de ser eliminada!!!

Luis S. Peres

**Cofre portátil**  
**VENDE-SE**

Informa-se nesta redacção.

## Não compre

Automovel ou Fourgoneta sem consultar

**Manuel Rodrigues Martins (ANICA)**  
**LOULÉ**

que tem ao vosso dispor:

Taunus Utilitária — impecável — Série 20;

Standard — em bom estado — Série 13;

Anglia — barato — Série 13;

Borgward — estado novo;

Furgoneta, 600 kgs. — barata.

Estes veículos podem ser vistos na:

**Garagem Avenida**

Telef. 135 LOULÉ

Sempre novos modelos

Sempre as melhores condições

**Caixotaria**  
**Carmona L.**

Caixas marcadas a cores, ao gosto do cliente, para todas as mercadorias.

Rua Acácio Barradas, 24

Telef. 23825  
**SETUBAL**

**Eugénia Soares**

Enfermeira-Parreira-Paricallora

Partos ~ Crianças ~ Tratamentos e Injecções

Av. José da Costa Mealha, 38

Telefone 257 LOULÉ

Visado pela Com. Censura

## MÃE SOBERANA

(Continuação da 1.ª página)

cular, aqui um rebanho com um pastor, que ao cair da tarde se ajoelha e ergue as suas preces ao Céu, reprodução viva daquele maravilhoso quadro, que é l'Angelus, é esta mesma ladeira que serve de cenário a uma grande manifestação de fé — a marcha triunfal da sua escalada, momento culminante, que faz vibrar até mesmo aqueles que se dizem descrentes, e a que poucos poderão assistir sem algo de emoção, de alegria e de fé, e até mesmo aqueles vivos tão espontâneos traduzem o entusiasmo e a fé do povo, desse povo simples, que tanto a venera.

A multidão que há pouco cobria a ladeira, começa a dispersar-se, até esta ficar só como outrora, só no sentido de despedida de seres humanos, mas tão preenchida com a presença majestosa da Mãe Soberana, que daí continua a lançar o seu olhar pela vila e as bênçãos de Mãe que nunca pode esquecer os filhos.

Uma Serrana

## CASA

VENDE-SE uma casa com chave na mão, com jarcim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos, separados, para arrecadação, junto à estrada de São Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo LOULÉ

?

## Não se interrogue

Sempre que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, deve confiar-lhes a **Gráfica Louletana — Loulé**

**Máquinas modernas**  
**Tipos novos e elegantes**  
**Meticulosa execução**

## CASA

VENDE-SE um prédio com 6 divisões e varanda. Armazém ao lado, com cavalariça, na Rua da Piedade.

Tratar com António ou Manuel Martins Laginha—Loulé.

## Associação de Assistência À MENDICIDADE

(Continuação da 1.ª página)

tos dos mendigos, industriais da pedincha que nunca quizeram dedicar-se a qualquer espécie de trabalho, porque entendiam que os habitantes da localidade tinham obrigação de os alimentar e sustentar nos seus vícios?

Não se recordarão de que essa mancha era a mácula que nos envergonhava como terra civilizada e progressiva, a ponto de causar a maior repulsa o que se via nas principais ruas e praças da vila, rebaixando-a na escala social?

Estarão esquecidos de que voluntária e livremente, como um imperativo de consciência, se reuniram as pessoas caridosas e moralmente bem formadas da vila, a que se juntaram de uma forma altamente nobilitante muitos louletanos residentes pelo País fora, nas províncias ultramarinas e no estrangeiro, para acabar com tal estado de coisas?

Não estarão recordados de que esta Associação não trouxe novos encargos para ninguém, pois todos se subcreveram livre e dignamente com as importâncias que já distribuíam pelos pobres e necessitados e que, fugir a essa contribuição, é sumamente censurável e não tem desculpa nem justificação de qualquer espécie?

Será que se pretenda voltar ao antigo?

Estes reparos parecem-nos justos e a nós, Comissão, cumpre-nos apenas acrescentar que todos os louletanos associados, com raríssimas excepções, continuam a honrar a sua assinatura da forma mais brilhante e louvável, sendo verdadeiramente impecáveis e a verba que se cobra mensalmente e que é inteiramente aplicada à alimentação dos indigentes, como se demonstra pelas contas publicadas.

Conta a Comissão com a ajuda de todos os louletanos de boa vontade e espírito caritativo, para que possa prosseguir nesta admirável tarefa que já está dando os seus prodigiosos frutos: desapareceram os bandos de mendigos nem sempre necessitados; sustentam-se e ajudam-se os pobres; não tem aumentado o número de vadios que se entregavam à mendicidade, e muitos procuram no trabalho honesto e morigerado o que habitualmente pediam à ociosidade e ao vício.

Porém, não devemos esquecer-nos: pobres haverá sempre, e nós temos de pensar em socorrer aqueles que, pela velhice ou enfermidade, não podem pagar fizesse o serviço? Em nada prejudicaria as suas almas, porque o benefício era só para o castelo. Sentia-se cada vez mais enraivada, por não saber ao menos avaliar como seria a cara do Satanaz, mas não chorava; os seus desabafos eram uns regougos rancorosos e palavras desabridas contra o próprio marido e contra todos os outros timoratos.

Nodia seguinte, quando o alarido de dor se foi desfazendo numa murmuração angustiosa os aldeões reuniram-se para procurar conselho e não encontraram nenhum. Pensou-se primeiro em demover o descaroável senhor, mas tudo se aterrou de pavor, porque a nenhum parecia que o seu corpo estivesse tão próximo da podridão. Alvitrou outro que se mandassem as mulheres e os filhos com gemidos e lamúrias implorar-lhe compaixão, mas depressa tudo emudeceu, quando o mulherio começou a alanzoar como noutros tempos, quando se sentavam ao pé dos homens em conselho. E ninguém atinava com uma saída razoável; o remédio seria sujeitarem-se àquela degradante obediência, e confiarem em Deus; missas não faltariam para que o Seu auxílio não lhes fugisse. Segredavam-se aos vizinhos reuniões nocturnas, porque à luz do dia era impossível fazê-las. Acordaram por fim em se revezarem no serviço; metade trabalharia no arranque das faias e a outra semearia a aveia e trataria do gado. Contavam desta maneira, se Deus os ajudasse, transportar diariamente da floresta para o castelo, pelo menos três faias; do caçador ninguém falou e, se ninguém pensou nêlo, isso não ficou registado. No momento oportuno todos os indicados para o trabalho na floresta aprontaram seus gados e carros e, quando o primeiro dia de maio chegou ao seu limiar, os homens juntaram-se em Munneberg e começaram o trabalho com energia. As faias tinham que se escavar em volta, num largo círculo, para que as raízes nada sofressem, e era preciso arré-las cuidadosamente sobre a terra, para que não houvessem a mínima beliscadura na ramagem. Ainda a manhã não ia alta no céu, e já três faias estavam prontas para seguir; era preciso que fossem conduzidas todas ao mesmo tempo, para que houvesse ligação no auxílio quer com os braços quer com os animais, naquela caminhada cheia de dificuldades. Mas o sol estava no meio dia e ainda não tinham saído da floresta com as três faias; já estava atrás dos montes e ainda os carros estavam descarregados. Só ao entreluzir do dia seguinte é que se encontraram no sopé do monte do castelo, onde as faias se deviam plantar. Parecia que uma má estrela especial brilhava sobre eles. As fatalidades sucediam-se: ou os arreios rebentavam ou as molas de qualquer carro quebravam ou os cavalos vacavam extenuados, sem haver chicote ou agulhão que os fizesse levantar.

dem grangear o sustento diário.

A nossa missão é obscura, apagada, desconhecida, porventura, mas não pára.

Para isso contamos sempre com a ajuda dos louletanos, naturais e residentes, e estamos certos de que ela nos não faltará.

Se alguém não é ainda nosso associado, que acorra pronto, generoso e deliberadamente a fazê-lo, que a sua atitude só merecerá gratidão e louvores.

A COMISSÃO

## Feira Popular

(Continuação da 1.ª página)

mentos de toda a ordem, comidas e bebidas, refrescos, e um simpático recinto de dança e variedades.

Tudo se conjuga para que aquele recinto que será feéricamente iluminado tenha forte animação.

E cremos bem que assim será, pois a concorrência de numeroso público estimulará a venda e a propaganda de produtos expostos, e todos irão contribuir para uma obra cristã, que necessita do apoio moral e material de todos.

Trata-se na verdade de uma instituição de largo alcance social e humanitário.

Crianças desamparadas da vida, recebem ali uma preparação para a vida que doutra forma, não lhes poderia ser ministrada. E assim dos seus actuais 130 internados, 35 frequentam a Escola Técnica e Comercial da cidade, preparando-os para mais eficiente e competentemente virem a ser os bons profissionais, 40 ainda na idade escolar frequentam o próprio instituto as quatro classes, os restantes mais velhos criando hábitos de trabalho e de adaptação à vida estão colocados em várias casas comerciais e industriais da cidade.

Nesta pequena nota se poderá verificar o muito que a instituição produz em prol da juventude que amanhã será útil à Pátria em que nasceu. O seu lema é eluciativo: *Dos perdidos de hoje fazer homens de amanhã.*

E que ninguém lhes regateie o seu incentivo e o seu apoio material.

## Empregada

Precisa estabelecimento comercial.

Nesta redacção se informa.

## Não compre

**Móbilias ou adornos**

**para o seu lar**

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

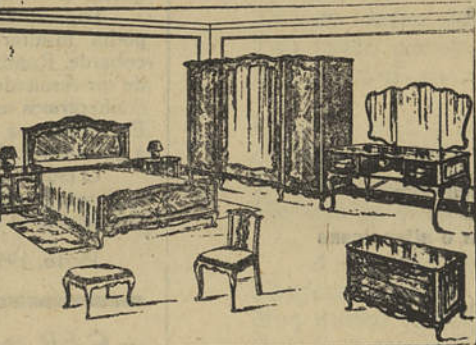
**HORÁCIO PINTO GAGO**  
(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

**MOBÍLIAS ~ ESTOFOS ~ TAPEÇARIAS**

gente do famoso produto **SYNTECO** (que resolve o problema do encerramento periódico)

Preços fora da concorrência



As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa

Mas tudo tem o seu fim, e nós respirámos fundo, na suposição de que, termina a obra, teríamos as mãos livres para o trabalho, e conduzirmos com alma nova o arado sobre o campo. O pior é que o violento donatário nos ordenou que plantássemos no praso de um mês um caminho sombreado por faias adultas, tiradas da floresta de Munneberg. Só por um milagre poderemos executar tal obrigação num praso tão curto, e com gado fraco que nos faz falta à nossa vida; mas, mesmo que o consigamos, de nada servirá; os nossos campos não poderão ser agricultados e tudo morrerá de fome, isto, no caso de o trabalho nos não matar antes. Coragem para levar a notícia para casa, também a não temos, porque não convém sacudir para cima da velha miséria mais esta desgraça.

O caçador mostrou uma cara compassiva, ergueu a mão esguia, descarnada e preta, e, com gesto ameaçador para a residência dos senhores, murmurou umas palavras incompreensíveis contra tamanha tirania. Mas ele ali estava para os livrar daquele beco sem saída. As suas juntas, únicas no país, haviam de conduzir, desde a floresta de Sumis até ao castelo, as faias adultas, para gáudio deles e para pirraça ao desnaturado cavaleiro; como compensação, pedia apenas uma coisa diminuta.

Os campônios estenderam o pescoço, quando ouviram esta inesperada oferta. Se eles estivessem de acordo quanto à paga, salvos estavam, pois tudo se concertaria, sem roubar-lhes tem po aos seus trabalhos de campo nem perigarem as suas vidas. E o velhote entusiasmado, interrogou: «Diz o que queres para chegarmos a um acordo». O caçador fez uma careta, a sua barbilha rangeu como um jornal ao ser rasgado, os olhos faiscaram como o olhar duma serpente, e um sorriso sinistro apareceu em ambos os cantos da boca. «Não quero muito», disse ele; «não quero mais nada senão uma criança para baptisá-la».

Estas palavras penetraram nos ouvidos dos pobres, como um raio; foi como se uma venda lhes caísse dos olhos. E, como uma moinha num rodopio, assoprada por boca invisível, assim eles foram dispersos pelo susto...

Após isto, o caçador soltou uma gargalhada arripiante, tão cruel que os peixes horrorizados se esconderam nas grutas mais profundas dos regatos, as aves procuraram as ramagens mais densas do bosque; magicamente tremula a pena do chapéu, e para baixo e para cima vibrava a sua barbilha ruiva.

«Refilam bem! Ou procurem conselho nas vossas mulheres; na terça-feira encontrar-me-eis aqui outra vez», atirava ele aos fugitivos numa voz cortante e tão inesquecível, que as palavras ficaram

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 12

**JEREMIAS GOTTHELF**

## A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

penduradas nos ouvidos deles, como farpas pendentes na carne dum touro.

E tudo continuou a ser um redomoinho de pé até casa, produzido por aquele bando de gente esmaecida, que tremia na alma e no corpo; nenhum olhou para os outros, nenhum virou o pescoço, nem a tróco de todos os bens deste mundo o faria.

Como pombas fugidas a uma ave de rapina para o pombal, assim se portavam aqueles homens assustados, que agora tinham acabado de levantar o pó; o susto penetrara neles até ao mais recôndito da alma, e todos estavam espavoridos com aquela aparição que lhes tinha desconjuntado as pernas.

As mulheres, trémulas, arrastavam o chinelo cheias de ansiedade em direcção aos homens, até que as conduzissem a local onde melhor se pudessem explicar aquele medo. E cada homem contou então a sua mulher o que ouviu no castelo, e elas engasgaram-se em pragas e cóleras; depois veio a proposta daquela aliança infernal.

Um terror pânico se apoderou de todas e um unísono de dor ressoou sobre montes e vales, como se cada uma sentisse as garras do mafarrico a cobriar o seu próprio filho.

E só uma mulher de olhos ferozes e pretos não gritava como as outras. Era uma criatura varonil que pouco medo tinha dos homens e de Deus; ao saber que o sexo forte não tinha repellido a pé firme os caprichos despóticos de von Stoffeln, teve uma guinada de ira: «Ah! se eu lá estivesse! Iria tudo numa polvorosa!» Mas, pior ainda, foi quando ouviu falar daquela barbilha ruiva e daquelas artes mágicas, e da maneira como os homens se desuniram. Cerrou os punhos e insultou desbragadamente toda a gente pela sua covardia, e por não terem enfrentado o caçador nem terem a ideia de oferecer outra compensação qualquer. Afinal, que mal havia que o Diabo a tróco de



# Os homens do andor

(Continuação da 1.ª página)

h ras (e mais) de sacrifício aturado que sobrecarrega cito homens que suportam o grande peso do artístico e lindo andor, com a sua Santa Imagem de fino recorte escultural e de um semelhante martirizado pela Dor da Morte de seu querido, Filho que transporta no colo. Depois, há, no resto do percurso, a parte mais delicada da melindrosa tarefa — a escalada do serro.

Na mistura, na confusão, na desorganização religiosa para se admitir a organização profana; no ávontade da tal prova de resistência e na força de musculos; na corrida *doida*, *louca*, vibrante de entusiasmos e de redobrada Fé; de um contágio electrificante que submete todos — crentes, curiosos, indiferentes — ao mesmo delírio e ao mesmo anseio de verem passo por passo, na ascensão do caminho da Santa Casa de N. S.ª, crescer a vibração do Povo em movimentos, vivas, acenos e gritos, é preciso que, nesta parte do ordinário *marche*, se tomem as medidas que o caso requer e, até mesmo — arrojando-me a tal propor —, se modifique a prática que se tem seguido até hoje.

E' desu nana a tradição de se exigir que os mesmos homens levem, a passo de marcha, desde o Convento de St.º António até à ermida, sem os necessários descansos, o andor de N.ª S.ª.

Como já ficou dito, isso já custou o sacrifício de vida de um bom amigo meu, elemento da minha geração.

Mas também cortar-se, no melhor de todos os entusiasmos, quando o Povo grita e as almas se sensibilizam até às lágrimas por verem o movimento crescente do poder e vigor, fervor e alucinação que faz com que se veja a Imagem sorrir-se de satisfação por ver-se conduzir da ao carinho da sua Santa Casa, e, repentinamente, cair-se num desagradável arrefecimento, num vácuo que imobilize todo o ponto culminante do entusiasmo que se vive, é, quanto me é dado poder afirmar, matar todo o esplendor da escalada. Parar a corrida quando ela é mais frenética — ao virar da Cruz, ou pouco mais, da ingreme subida — é, possivelmente, tirar-se o valor, todo o poder de contágio que impulsiona a enorme multidão.

Mas não me esqueço do que presenciei no ano passado. Precisamente o homem mais forte que suportava — como os demais — o peso do andor, foi

o que mais me impressionou: à Cruz, dava a impressão de um desfalecido, de cabeça pendida sobre o peito. E, precisamente quando a escalada atingia o rubro, tudo pára porque esse elemento, creio ser assim, o exigia. O efeito, no Povo, foi o de um verdadeiro balde de água fria — tudo arrefeceu.

Pois bem: é desumano exigir-se do esforço do homem mais do que ele pode dar.

Assisti há pouco, em Granada, à procissão de Nossa Senhora das Angústias. São trinta e seis homens que levam o andor. O percurso é só o da cidade e sempre em passo de procissão. Não há subidas, não há escaladas. Mas, como se trata de uma rigorosa tradição de Fé, e, levar o andor é também um orgulho, uma honra, há o Real Corpo de Cavaleiros «Horquilleros» que dá, para o transporte do andor da avantajada Santa, dividido em dez etapas, 360 indivíduos. Eles são revezados de etapa para etapa, e, nas três horas que dura a procissão, passam pelo andor todos esses cavaleiros. Há humanidade e todos alimentam a tradição.

Dá-me este exemplo a oportuna sugestão de dizer aos homens do andor da nossa Padroeira:

Cortar, como já disse, o entusiasmo febril no meio da sua rigorosa acção, não; mas também exigir-se demasiado sacrifício humano, também não. Como harmonizar dois pontos opostos?!

— Em lugar dos oito homens de sempre, fazer-se uma mobilização de dezasseis: oito para o percurso procissional em todo o trajecto da vila até ao Convento de Santo António. Aqui, a paragem, a preparação para a escalada, e, os outros 8 homens folgados, encorajados, tomando conta do sacrifício já muito atenuado, levarem num só jacto, a Nossa Senhora até à sua Santa Casa. Poderá ser?

Aqui fica a sugestão aos homens do andor da Nossa Mãe Soberana.

Pedro de Freitas

## Prédio

VENDE-SE, em Quarteira, bem situado, com 7 amplas divisões, dispondo de todo o conforto moderno, grande quintal com figueiras, amendoeiras e parreiras e cisterna. Facilita-se o pagamento. Tratar com Maria das Dores C. Farrajota Quarteira.

## AGENCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

Rua Conselheiro Bivar, 58—Telefone 216—FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres, para todos os Países da

Europa, Africa, Américas do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e vistos Consulares



Rafael Almeida Santos  
R. DIAGO CÃO, 20 - ÉVORA

Trata de toda a documentação para AUTOMOVEIS, MOTORISTAS e candidatos a CONDUTORES



4 AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS  
TELEFONES: Escritório 2206, Residência 2768

## MODERNIZE OS SEUS IMPRESSOS

Confiando a sua execução à

Gráfica Louletana

Telefone 216 — LOULÉ

## Transportes de Carga Louletana, L.ª



Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)

Telefone 22437

Participamos aos nossos estimados clientes que desde 1 de Abril que funcionam os serviços da nossa Agência em Olhão, situada na Avenida 5 de Outubro, 22-A — Telefone 193.

## A propósito de... Novos assinantes

Regosio e gratidão... são palavras bem expressivas... E no entanto...

Mal traduzem um pouco da satisfação, do profundo reconhecimento, que sentimos ao publicar constantemente, no nosso modesto jornal, extensas e sempre renovadas listas de novos assinantes, como a que hoje temos o prazer de apresentar.

...E que essas centenas de pessoas, de todas as condições sociais e de todos os pontos do mundo, que acorrem a inscrever-se na «Voz de Loulé», não lhe asseguram apenas, com a sua valiosa adesão, uma existência longa e firme...

...Também e muito principalmente, demonstram que este jornal tem merecido e continua a merecer, o carinho, a compreensão e o auxílio de todos quantos amam a nossa terra e por ela se interessam... colaborando no seu enaltecimento e progresso do Algarve e de Loulé... ajudando e expandir e a tornar mais forte «A Voz de Loulé».

Os nossos agradecimentos, pois para os Ex.ªs Senhores:

José António Oliveira, Faro; General Joaquim dos Santos Correia, D. Irene Gonçalves Rita, Lisboa; Victor Coelho Guerreiro, Aveiro; Manuel de Sousa Mendonça, Leiria; Vitorino Diego de Brito, Francisco Vicente Grosso, Portimão; D. Alice Silva Coelho, Querença; Manuel Gonçalves Cachopo, Montargil; Olívia Serafina Alves, Manuel Pires Cavaco, Manuel Martins Canhoto, António Viegas Sarmiento, Salir; Manuel Bartolomeu da Piedade, Sítio dos Valados; José Elias Júnior, Alfarrobeira; Luis C. Baptista Velhote, Vila Franca de Xira; António Viegas Gonçalves, Alvitto; Manuel Pestana Gomes, França; António Joaquim Mendes Pinguinha, Manuel de Sousa Martins, António Valério Pires, Venezuela; António Manuel Madeira Guerreiro, Angra do Heroísmo; José Francisco Vicente Grosso, Angola; Daniel Leandro Jorge, Lourenço Marques; João Correia Beiga, América do Norte; Manuel da Silva Faísca, Canadá; Domingos Fernandes Fantasia, Montijo; José Guerreiro Inês, Nave das Soleiras; José Euclides Rodrigues, Loulé; Dr. Francisco António Alçada Gonçalves Cardoso, Coimbra; Eugénio Martins Correia, Odivelas; Dr. Alvaro Augusto Garcia, Loulé; António Pires Guerreiro, Lisboa.

LEIA! ASSINE! DIVULGUE «A Voz de Loulé»

## VENDEM-SE

Uma bicicleta motorizada marca Sachs.

Dois balanças decimais, sendo uma de 250 Kgs. e outra de 100 Kgs.

Cerca de 100 sacos usados.

Um engenho de ferro para nora.

Um carro de bebé. Tratar com Virgílio da Costa Mariano, Rua Padre António Vieira.

LOULÉ

## VENDE-SE

4 máquinas Singer

1 de tipo correio.

3 de tipo sapateiro, sendo 1 de braço.

1 cilíndrica, e outra tipo alfaiate.

1 Balança A Pessoa. Tratar com João Martins Rodrigues — Loulé.

# O Municipio e a assistência hospitalar em Loulé

(Continuação da 1.ª página)

tro, com base nas disposições legais vigentes, estudou o assunto e deliberou, por unanimidade, por considerar justa a pretensão, em vista de assim se possibilitar a manutenção de um nível de assistência hospitalar no nosso Concelho, que não tem paralelo no Algarve e na grande maioria dos concelhos do País, o que é motivo de orgulho para os louletanos, dar o seu acôrdo à pretensão;

f — Para deferimento da pretensão da Santa Casa da Misericórdia Sua Excelência o Ministro não precisava de obter o acôrdo da Câmara, no entanto, a Mesa da mencionada Instituição de Assistência teve a amabilidade de nos consultar, como já se disse, tendo este corpo administrativo tomado a deliberação cujo teor se junta, para ser publicada, a qual é suficientemente clara para elucidar quantos, alheios ao assunto, possam, pela leitura do comentário, ter dúvidas sobre a pureza da administração que se pratica na nossa edilidade;

g — Evidentemente que a Câmara vê com o maior interesse e simpatia o incremento que está tendo o movimento do nosso Hospital e o nível de assistência que aí se está prestando, sem que se percam de vista os outros sectores da vida municipal não atribuindo ao sector assistencial verbas desproporcionadas como parece dar a entender o articulista de «Loulé em... retrato».

Grato pelo acolhimento e atenção que V. Ex.ª se dignar prestar a este esclarecimento, subscrevo-me com os meus melhores cumprimentos e

A bem da Nação

Loulé, 24 de Abril de 1957

O Vice-Presidente da Câmara, em Exercício  
José João Ascensão Pablos

PARTE DA ACTA DA REUNIAO ORDINARIA DA CAMARA MUNICIPAL DE LOULÉ, REALIZADA EM 8 DE NOVEMBRO DE 1956:

### EXPEDIENTE

Foi lida a seguinte correspondência, acerca da qual a Câmara deliberou, por unanimidade, como vai indicado:

DA SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LOULÉ — o officio número quatrocentos e trinta e cinco, datado de dois do mês em curso, pelo qual chama a atenção da Câmara para o movimento que passou a ter o seu Hospital após ter assumido a sua direcção clínica o ilustre cirurgião Doutor Manuel Soares Cabeçadas. Com a orientação dada a este estabelecimento hospitalar do Concelho, poucos doentes necessitarão de recorrer aos serviços de outros hospitais extra-concelhos. Um tal movimento e incremento no desenvolvimento hospitalar acarreta, necessariamente, um aumento de despesas que não será possível suportar para manter o ritmo normal de tratamentos sem uma contribuição mais substancial da Câmara que actualmente é de seis escudos por doente internado e por dia, importância correspondente a vinte por cento da diária, tal como se estipula no Decreto-Lei número trinta e nove mil oitocentos e cinco, de quatro de Setembro de mil novecentos cinquenta e quatro. Termina por pedir o acôrdo da Câmara no sentido de ser aumentada a percentagem de vinte por cento, actualmente em vigor, para cinquenta por cento de cada diária, a fim de ser o assunto submetido à aprovação de Sua Excelência o Ministro do Interior, ao abrigo da parte final do parágrafo primeiro do artigo oitavo do aludido diploma legal. A Câmara, ponderando o assunto e contrastando que, de futuro, a maioria dos doentes cujas guias eram passadas a favor dos Hospitais Cíveis de Lisboa o passam a ser a favor do Hospital de Loulé e considerando que mesmo elevando a sua contribuição para cinquenta por cento de cada diária, mesmo assim, essa importância ainda é inferior, em três escudos, ao que paga pelos doentes internados nos Hospitais Centrais, considerando ainda que no internamento em Loulé não tem despesas com transportes de doentes, acrescentando ainda o facto de que na sua terra, os mesmos doentes, terão o amparo moral da família, factor que importa tomar em conta por influir no seu estado de espirito, a Câmara, considerando também que não deve haver um aumento no encargo total a suportar anualmente com o tratamento de doentes pobres com domicilio de socorro no Concelho, deliberou, por unanimidade, dar seu acôrdo ao pedido formulado pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia, antecedentemente mencionado.

Nada mais contém esta parte da acta que se relacione com este assunto.

Está conforme

Loulé, 24 de Abril de 1957

O Chefe da Secretaria da Câmara

António Joaquim de Almeida

## Farmácia MADEIRA

Direcção técnica de: Manuel C. Madeira

Avenida Marçal Pacheco, 74 a 78

(Em frente do Hospital)

TELEFONE 71

LOULÉ

Especialidades nacionais e estrangeiras

PRODUTOS QUÍMICOS

SUBSTANCIAS MEDICINAIS

ACESSÓRIOS

PERFUMARIAS, ETC..

Produtos destinados à higiene e à profilaxia

## MOBILIAS

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na



## CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis

Colchões MOLAFLEX

Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIAS EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador



## O DIA 1.º DE MAIO EM ALTE

Estão despertando vivo interesse as festividades que vão realizar-se no dia 1.º de Maio nesta pitoresca aldeia do nosso concelho.

## Notícias pessoais

### Aniversários

Fazem anos em Abril:

Em 25, a sr.ª D. Maria José do Nascimento Pedro e o menino Marcos Farrajota de Sousa Mariano.  
Em 26, os srs. José António Oliveira e Sousa, e António José Oliveira e Sousa e o menino Gregory Alec Pina Pontes, residente nos E. U. A.  
Em 27, a menina Pedrina Santana dos Santos, e a sr.ª D. Zélia Rico Santana.  
Em 28, o sr. João Maria Martins da Silva e D. Isabel Margarida Mendonça Garcia.

Fazem anos em Maio:

Em 2, o sr. Sebastião Seruca Martins, residente em Lisboa, e o sr. Manuel de Sousa Campina, residente na Venezuela.  
Em 3, a menina Maria do Carmo Pinto Lima.  
Em 4, a menina Dorval Rodrigues Carrilho.  
Em 6, a sr.ª D. Aura Laginha dos Ramos Guerreiro, a menina Maria Isabel Judice Pontes e o menino Francisco José de Barros Ferro.  
Em 7, a sr.ª D. Maria Luísa Marques da Costa Rocheta, residente em Lisboa, e a menina Vitalina Coelho Rocha.

### Partidas e chegadas

— Acompanhado de sua irmã, sr.ª D. Maria Apolinária Macias Marques, esteve em Loulé o nosso conterrâneo sr. Dr. Lélío Macias Marques, distinto Médico Estomatologista na Capital.

— Acompanhado de sua esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Isabel Leitão Cortes Alçada Cardoso, esteve entre nós o sr. Dr. Francisco António Alçada Gonçalves Cardoso, nosso prezado assinante em Coimbra.  
— Com seus filhos, sr. Victor Vinhas Pinto Lopes, e sr.ª Dr.ª D. Líbânia Vinhas Pinto Lopes, estiveram entre nós o sr. Joaquim Hipólito Vinhas Pinto Lopes, nosso prezado conterrâneo e assinante em Lisboa e sua esposa sr. D. Maria da Piedade Vinhas Pinto Lopes.

— Na companhia de sua filha, esteve em Loulé a sr.ª D. Isaura Maria da Luz Ramos, nossa prezada conterrânea, residente em Lisboa.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Sebastião Martins Seruca, nosso prezado assinante no Barreiro.

— Por ter assumido a chefia da Delegação Geral do Norte do Instituto Luso-Farmacológico, transferiu a sua residência para o Porto o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. João de Brito Vicente, que prestava serviço na Delegação de Coimbra daquele importante Laboratório.

### Casamentos

Na Igreja da Luz de Tavira, uniram-se pelos sagrados laços do matrimónio, no passado dia 14, a sr.ª D. Maria Fernanda Aguiar Ferreira, professora oficial na Fuzeta, irmã do nosso prezado amigo, sr. José Leandro Maria Ferreira, chefe da estação dos C. T. T. de Loulé, com o sr. João Duarte Martins, professor oficial em Olhão.

Foram padrinhos, pela noiva o sr. António Lã, industrial em Faro e sua esposa; pelo noivo, o sr. Dr. Silvino

## Feira de Abril

Realiza-se hoje dia 28, na nossa vila, a tradicional Feira de Abril, que nos últimos anos tem deminuido de valor.

## Câmara Municipal de Loulé

### Recenseamento Eleitoral

## AVISO

António Joaquim de Almeida, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé, torna público, nos termos do art.º 18.º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que desde o dia 1 até ao dia 10 de Maio próximo futuro se encontra patente na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas do expediente, o recenseamento eleitoral do Presidente da República e da Assembleia Nacional, referente ao ano de 1957, para efeito de reclamação.

Qualquer interessado ou eleitor recenseado no ano antecedente pode reclamar até 15 do mês de Maio, para o Presidente da Câmara Municipal, de harmonia com o disposto no art.º 19.º da citada Lei n.º 2.015.

Câmara Municipal de Loulé, 26 de Abril de 1957.

O Chefe da Secretaria,

António Joaquim de Almeida

Augusto Leitão e a sr.ª D. Maria Rita Quintina Borralho, professora oficial.

O «copo de água», fino e abundante, foi servido na casa dos pais da noiva, na Fuzeta, tendo os noivos seguido logo após para Olhão, onde fixaram residência.

No pretérito domingo, dia 20, celebrou-se na Igreja de S. Francisco, desta vila, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Odete Salgadinho da Luz, gentil filha do sr. José da Luz Mendonça e da sr.ª D. Maria Correia Salgadinho, com o sr. Helder de Brito da Silva, filho do sr. Ildefonso Simão da Silva e da sr.ª D. Maria José Salgadinho, residentes em Loulé-Gare.

Apadrinharam o acto, da parte da noiva seus tios, o sr. José de Sousa Salgadinho, chefe da Estação de Caminho de Ferro de Beja e sua esposa, sr.ª D. Anacleto Leal Freitas Salgadinho; pelo noivo, o sr. Daniel Salgadinho de Sousa, empregado de escritório da C. P. e sua irmã, a sr.ª D. Noémia Salgadinho de Sousa, primos da noiva.

Após a cerimónia, o cortejo nupcial seguiu para casa dos pais da noiva, onde foi servido aos convidados um fino «copo de água».

No pretérito dia 24, realizou-se na Igreja de Estói a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Isete Baptista Grade, operadora dos C. T. T. em Loulé, gentil filha do sr. José do Espírito Santo, industrial, e da sr.ª D. Maria de Sousa Baptista, com o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Manuel Mestre Zacarias, 2.º Sargento do Batalhão de Telegrafistas, filho do sr. José de Sousa Zacarias, ausente no Brasil e da sr.ª D. Maria da Luz Silvestre.

Apadrinharam o acto, da parte da noiva, a sr.ª D. Maria da Luz Mestre Zacarias, irmã do noivo e esposa do sr. José Gonçalves Silva, ausente na Venezuela e o tio da noiva, sr. Joaquim de Sousa Neto, proprietário em Loulé.

Da parte do noivo, sua irmã a sr.ª D. Vitória Mestre Zacarias, esposa do sr. Joaquim Mariano Calço, ausente na Venezuela, e o tio da noiva, o nosso prezado assinante sr. Manuel Nunes Floro, industrial de automóveis de aluguer na praça de Loulé.

Aos novos casais apresenta a «A Voz de Loulé» as suas felicitações, com os votos de uma perene lua de mel.

## ALUGA-SE

Um armazém na Rua dos Arcos (próximo do Paralelo 38). Tratar com José Cabrita Cortes.

## Mecanização da Lavoura

ESTÁ publicada, em folheto, a palestra que o sr. eng.º agrónomo Eduardo Veiga de Araújo proferiu há tempo em Vila Franca de Xira, em defesa da mecanização da lavoura, da substituição do boi de trabalho pelo tractor, a monda química, da ceifeira-d-bulhadora, etc., e em que propoz a realização de uma campanha em favor do «homem da terra».

## MONUMENTO AO DR. BERNARDO LOPES

Damos com muito gosto nota de mais subscrições recebidas:

Transporte.....	27.331\$70.
Manuel da Costa Gonçalves, Johannesburg — Africa Sul .....	76\$00
Manuel Diogo Sebastião, Almancil .....	5\$00
Manuel dos Santos Vaquinhas, Almancil ...	20\$00
Francisco Pinto Carrusca, Igreja, Almancil	20\$00
Sérgio Gonçalves Caetano, Almancil .....	10\$00
Sociedade Recreativa Almancilense .....	50\$00
José Diogo Barão Almancil .....	5\$00
Manuel Galvão, Almancil .....	10\$00
António Pires Fragoço, Almancil .....	20\$00
Henrique das Dores Neves, Almancil.....	5\$00
José Dias da Palma, Almancil .....	10\$000
Francisco de Sousa Bispo, Almancil .....	5\$00
José Mendes, Almancil .....	10\$00
	27.577\$70

## Eduardo Rafael Pinto Júnior

Faleceu na sua residência de Lisboa, para onde seguira há cerca de 2 meses, devido ao agravamento do seu estado de saúde, o Sr. Eduardo Rafael Pinto Júnior, industrial e proprietário, de 65 anos de idade, natural de Loulé e há muitos anos vivendo na Luz de Tavira na Quinta de Nossa Senhora de Fátima, em Amoração.

O extinto, a quem faltava apenas um ano para se formar em engenharia, foi funcionário da Alfândega de que se encontrava na licença ilimitada e, como industrial de moagem foi durante algum tempo, membro da Direcção da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, em cujo cargo procedeu à actual reorganização das lavagens de espedas.

Era pai dos srs. Eduardo Maria Pacheco Pinto, Capitão do Exército na licença ilimitada e actual gerente da firma J. A. Pacheco, em Tavira e do 1.º Tenente da Marinha Carlos Pacheco Pinto, comandante da «Azvia» residente em Faro, e irmão dos srs. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado do Banco de Portugal em Faro e Raul Rafael Pinto, gerente da Dependência do Banco Nacional Ultramarino, em Loulé.

O seu funeral constituiu uma grande manifestação de pesar, nele se incorporando pessoas de todas as categorias sociais de Faro, Olhão, Tavira, e Loulé.

A família enlutada endereçamos os nossos sentidos pezares.

## João Pereira de Freitas

EM palavras repassadas de saudade e que se vê bem traduzirem o doloroso sentir de quem escreve, noticia o nosso prezado colega «A Nossa Terra» o falecimento do seu Director, sr. João Pereira de Freitas, ocorrido em 9 de Abril corrente.

Por tão infausto acontecimento, que enlutou o concelho de Cascais, onde o extinto era figura de relevo e um acérrimo defensor, apresenta «A Voz de Loulé» a expressão sincera do seu profundo pesar.

## Cartaz da Semana

### CINEMA

Domingo, 28 — *Homens em casca noz e Abril em Portugal*, com Amália Rodrigues, António dos Santos e Jackie Lane.

2.ª feira, 29 — *O Indomável*, *Locutor Atónico* e *Visita da Rainha Isabel a Portugal*.

### FUTEBOL

Domingo, 28 — No Estádio da Campina, pelas 15.30 horas:

Juventude S. Atlético  
Futebol C. Almancilense

A's 17 horas:

Barreiras Brancas F. Clube  
Sport Lisboa e Campina

### BAILES

Domingo, 5 de Maio — Na Sociedade Recreativa Artística Louletana, abrilhantado pela Orquestra Atlântico Farense, de Faro.

### Farmácias de serviço

Durante esta semana, estão de serviço permanente:

Dia 28 —	Farmácia	—Pinto
» 29 —	»	—Madeira
» 30 —	»	—Santos
» 31 —	»	—Conflança
» 1 —	»	—Pinheiro
» 2 —	»	—Pinto
» 3 —	»	—Madeira
» 4 —	»	—Santos

## O passarinho cativo

Mãos maldosas ataram o cordel à pata do passarinho, um pobre e vulgar pardal, que, em certo momento, ou por ter quebrado as grilhetas, ou aproveitado o descuido do seu captor, rumou para o espaço, em busca da sua liberdade.

Mas o péso do fio era uma impertinência que dificultava os seus movimentos, coibia ou limitava a ansia de liberdade que o dominava e ou cansado ou no desejo de se desembaraçar do penduricalho procurou uma árvore do jardim Municipal.

Não contou, talvez porque não era um pardal sabido, que o fio se enleava em troncos e a sua prisão voltava a verificar-se e de forma mais atribulada. Aflito piou, piou, barafustou, espantou-se e quanto mais se queria livrar mais se enleava. O facto atraiu a atenção humana que compreendeu a ansiedade e o martírio da pobre avesinha.

E logo o «Carminho» figura popular que ainda há pouco tempo tomara a empreitada de subir as árvores para as florir, por ocasião da Batalha de Flores, se destacou e armou em alvitre. «Oh! mon cher ami! je t'en salue!»

Subiu, e perante o aplauso da multidão, sófrega do espectáculo, libertou o pobre do pardal encailhado.

A autoridade passou e não sabendo do que se tratava, pensou que o libertador estaria a «dar barraca» em cima da árvore e, logo que este desceu, mandou-o seguir para o posto a fim de esclarecer o pretenso delito.

O nosso «Carminho» lá seguiu muito pesaroso, muito filósofo como sempre, meditando que a liberdade do pássaro, custou a liberdade do homem — não se lembrando que «liberdade» é uma palavra de etimologia tão volúvel que cada um a entende de sua maneira...

E profundando a sua vida, lembrando-se de algumas passagens, nem sempre das mais perfeitas dizia: — Vá lá uma pessoa, pratique um acto decente, uma acção meritória! Quando faço mal... nada me acontece...

Vou praticar uma acção altruísta: — Prison! Hélas!

X X X

## Casamento

Português com 25 anos de idade residente no Canadá, deseja corresponder-se, para fins matrimoniais, com rapariga nova, simpática e com algumas habilitações literárias.

Dirigir correspondência e enviar foto para Firmino Jerónimo, Box 134 Oliver B. C. — CANADA.

## Festa nas Benfarras

Neste populoso sítio da freguesia de Boliqueime realiza-se no dia 1 de Maio uma interessante festa, com um não menos interessante programa e o louvável intuito de angariar fundos para melhorar um caminho da região, pelo que auguramos farta concorrência.

## Distribuição de prémios

(Continuação da 1.ª página)

nos cujos nomes a seguir publicamos:

Antonieta Bento Casa Nova, natural de Bolqueime, filha do sr. Joaquim Rodrigues Casa Nova e da sr.ª D. Emilia Gomes, aluna do 3.º ano de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências de Lisboa — «Prémio Salazar», 1.500\$00.

Carminda Maria Mariano Cavaco, natural de Bolqueime, filha do sr. José Guerreiro Cavaco de Asensão e da sr.ª D. Maria Sequeira — «Prémio Duarte Pacheco», 1.000\$.

José Rosa Semão, natural de Quarteira, filho do sr. Manuel Henrique Semão e da sr.ª D. Emilia Rosa — «Prémio Monsenhor Freitas Barros», 1.000\$00.

Amâncio José Guerreiro Rodrigues, natural de Quarteira, filho do sr. José Alferes Rodrigues — «Prémio Professor Cabrita da Silva», 500\$00.

Todos os alunos mereceram vibrantes palmas de felicitações, a que igualmente nos associamos, não apenas para lhes dirigir os nossos sinceros parabéns, como também para lhes desejar que, nos anos que faltam para alcançar os seus objectivos, continuem sendo merecedores do justo prémio que lhes foi concedido.

Como nota curiosa há a notar a circunstância de este ano não ter sido premiado nenhum aluno da vila... todos os prémios foram para freguesias rurais!

## Nova rua da Vila

(Continuação da 1.ª página)

se consegue o descongestionamento do trânsito na Rua Padre António Vieira e na Av. Marechal Carmona, como se torna mais rápida e mais fácil a ligação da vila com aquela Estrada Nacional.

Com mais esta rua aberta ao trânsito, alarga-se o campo para a construção de habitações num local que está mesmo a convidar os srs. construtores a começarem as obras...

## ÁFRICA

(Continuação da 1.ª página)

dos Unidos, com a experiência que lhe deu a sua viagem de três semanas, acrescenta:

«A África possui um escol de proeminentes «leaders» nativos. Os Estados Unidos precisam de os conhecer, de os compreender e de os apoiar».

Mas conhecê-los, para quê? Compreendê-los, porquê? Apoiá-los, contra quem?

Todavia, o que mais choca, pelo que tem de ilógico, é o dilema que resalta das considerações de Nixon: ou a independência (apoiada pelos Estados Unidos) ou o comunismo (favorecido, evidentemente, pela União Soviética). Felizmente, ainda a Europa livre não abdicou tanto da sua missão civilizadora que não possa encontrar para o problema outras soluções — soluções europeias.

Aliás, o problema só o será — para alguns. Portugal ignora-o. A solução portuguesa está desde há muito encontrada: nem independência, nem colonialismo — integração.

Que a fórmula corresponde a realidades e se lhes ajusta, prova-o a paz em que se vive nas províncias ultramarinas portuguesas precisamente os territórios, em toda a África, onde o comunismo menos se infiltrou — onde o comunismo, praticamente, nem existe sequer...

DUTRA FARIA

## TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

CONTINUAM a disputar-se com crescente entusiasmo os jogos do Torneio Popular de Futebol, que está despertando vivo interesse entre adeptos da modalidade, que comparecem largamente aos jogos realizados no Estádio da Campina.

Cremos poder dizer que se trata duma feliz iniciativa do reverendo Padre Luís (Coadjutor da freguesia de S. S. bastião) que assim pretende ministrar aos seus jovens paroquianos uma tanto quanto possível cuidada preparação física, proporcionando-lhes simultaneamente aquela educação moral de que a nossa mocidade anda tão carecida.

E a atestar que esses objectivos têm sido amplamente alcançados, evidencia-se o ambiente de simpatia de que aquele bondoso sacerdote se tem visto rodeado, tanto pelos componentes do Grupo «Os Leões», que organizou e orienta, como por parte da população da nossa vila, que igualmente o estima e admira.

Disputaram-se no passado domingo mais dois jogos a contar para o Torneio.

No primeiro jogo defrontaram-se: Unidos - Ponto Azul. Se bem que os Unidos ali tinham com dez elementos apenas, foram os primeiros a marcar. Os «azuis» reagiram e conseguiram marcar por 2 vezes, até ao intervalo. No 2.º tempo, com a equipa dos Unidos completa, verificou-se maior equilíbrio; apesar dos esforços de ambas as equipas o resultado manteve-se: Ponto Azul 2 — Unidos 1.

Para a 2.ª partida do dia defrontaram-se: Leões de S. S. bastião Campina. A equipa da Campina atacou logo de início e obteve 1 golo. Os «Leões» reagiram e por duas vezes estiveram prestes a marcar. A superioridade da equipa da Campina foi manifesta mas os seus avanços não voltaram a marcar até ao descanso. Na segunda parte manteve-se o domínio da Campina que marcou mais três tentos (o 1.º dos quais de penalty). Assim como a Campina podia ter construído resultado mais volumoso também os «Leões» podiam ter reduzido a diferença.

Resultado final: Campina-4 — Leões 0.

### Classificação actual

Clubes	J	V	E	D	P
Barreiras Br. . .	2	2	—	—	4
Campina nse . .	2	1	1	—	3
Atlético . . .	1	1	—	—	2
Ponto Azul . .	2	1	—	1	2
Unidos. . . .	2	—	1	1	1
Almancil . . .	1	—	—	1	0
Leões . . . .	2	—	—	2	0

## Nova iluminação

(Continuação da 1.ª página)

será de desejar que se complete com a possível brevidade a substituição das restantes.

Consta-nos, que muito brevemente beneficiará a Avenida José da Costa Mealha de tão importante melhoramento, mas mais eficiente, neste caso, porque será totalmente modificação do sistema de iluminação.

Felicitemos a nossa Câmara por esta inovação que muito beneficiará o aspecto noturno das duas principais artérias da vila, cuja semi-obscuridade era notória.

## Poupe dinheiro e viaje com segurança

usando no seu automóvel

Pneus M A B O R

A' venda no Stand do Agente

José de Sousa Pedro

LOULÉ